

O BALDE.
ENTRE-
VISTA

RICARDO
PIPO



Seja apresentado a um novo ponto de vista da cultura de Brasília e do Brasil. Vale a pena.

Ator da Cia. de Comédia os Melhores do Mundo desde o início, Ricardo Curi Garcia, o Ricardo Pipo, é um agente da cultura brasiliense. Fala sobre teatro, música, política, Serra da Capivara, televisão, burocracia, Internet, Banco Mundial, Jô Soares, arqueologia, cinema, Joseph Climber ou qualquer outro assunto com o mesmo desembaraço. O nome-apelido, metade sério, metade herança de um palhaço interpretado em 1987 - "O nome do personagem grudou em mim. Droga" - parece a cada minuto mais apropriado, à medida que narra, interpreta e alterna personagens e histórias à nossa frente. À vontade, chama os garçons de um dos mais antigos bares da cidade pelo nome e pede uma cerveja antes de começar. Não veio arrumado, não trouxe panfletos, não evitou nenhum assunto. De diferente, o livro que trazia - "Como a picaretagem conquistou o mundo" de Francis Wheen - e a simplicidade do entrevistado. Entre uma garrafa e outra conheça Ricardo Pipo, na íntegra, especial e exclusivamente pelo **balde**.

obalde.
blogspot.
com

Por Pedro de Oliveira
Fotos de Beatriz Leal



o balde. : Em Brasília as pessoas são muito politizadas...

Ricardo Pipo: Não é? As pessoas estavam tratando assim, como...meu time! Azuis contra vermelhos! Não importa o que isso refletirá na cidade.

Pelo blog da Cia. a gente percebe que você é quem mais cuida daquele espaço...

É, na verdade todos têm a senha, todos poderiam, mas ninguém tem paciência. Quando a gente formulou o site, a gente ia até acabar com esse negócio de blog, mas aí eu não me atentava ao contador, número de acessos, eu achava que era uma coisa vazia. Mas depois, não...eu vi que as pessoas realmente gostam, consultam até como curiosidade. O que as pessoas mais gostam é de ver isso: fotos de bastidores, tanto que é a coisa que eu estou mais fazendo agora.

Alguns vídeos também...

É. Mostrando camarim... as pessoas acessam mais por isso, por que o resto do trabalho elas vêem na televisão, no teatro. Então virou uma curiosidade mesmo.

Você é um dos mais politizados do grupo. Na época das eleições, por exemplo, você falava muito sobre o assunto. Nos espetáculos o grupo também faz muitas piadas sobre isso.

É cara, a gente tenta...a gente fala assim: Brasília não é feita só de política. A gente tenta levar essa imagem quando a gente sai da cidade. Tanto que, as matérias que saem da gente fora de Brasília sempre começam assim: "Brasília não é só feita de política, corrupção..." todas as matérias começam assim. Ctrl + C, Ctrl + V, assim. Jornalista é tudo gado! (risos) Pésimo falar isso, né?

Aí o que acontece... a gente tenta desvincular essa imagem de

que a cidade vive da política. Mas a gente andou reparando que nós somos muito políticos. Quem nasce em Brasília, quem vive aqui...na música...até o GOG, que é um rapper, não sei se vocês conhecem, da Ceilândia. Ele é muito respeitado em São Paulo, né? Aí eu fui na Galeria do Rock, lá em São Paulo. Tem 3 andares: um é rock'n roll, o outro era só camiseta e o subsolo é só black music. Eu era o único branco circulando. (risos) E aí eu vi uma vitrine: só GOG. Aí entrei para falar com os caras: "pô, eu conheço esse cara de Brasília!"; aí eles: "que conhece o quê, seu tira-onda!" (risos) Conheço, pô, eu tinha um programa de rap na Cultura, né? Pior que tinha. Fazia a operação da cultura hip-hop. Aí, as letras do GOG, ao contrário de outros rappers que falam da sua rua, da sua comunidade, com gírias locais, o GOG é muito mais abrangente. Ele fala do genocídio em Ruanda, da pobreza no Haiti. Ele é

politizado pra caramba, pelo fato de ser de Brasília. E a gente reparou que a gente também. Em todos os espetáculos, por mais que seja absurdo o assunto, mais distante da política, a política está sempre lá...sempre lá na frente.

É uma característica do brasileiro mesmo?

É. E a gente gosta de fazer no palco o que a gente gostaria de assistir. Esta sempre foi uma característica que a gente preza, pela empatia, né, cara? A gente às vezes tem uma piada boa, mas não é exatamente o que a gente pensa, então a gente evita, por mais engraçada que seja aquela piada. Isso, politicamente falando. Então, essa empatia que as pessoas têm de gostar do que a gente fala é justamente por isso: a gente se indigna com as coisas que estão estragando a cidade ou o nosso dinheiro sendo gasto de forma errada, de forma leviana. Então, é lógico que as pessoas



vão gostar de ouvir isso, porque todo mundo quer falar isso, cara. Todo mundo quer falar isso, aí falam “pô, finalmente alguém está falando”. Porque a imprensa fica na dela, para não dizer que é muito omissa, nesse sentido. Existe muito interesse político dos jornais. Você lembra quando era o (Ricardo) Noblat? Ele era diretor do Correio e batia de frente com o (ex-governador Joaquim) Roriz. Aí o Roriz foi e comprou parte do condomínio. Aí acabou, cara. Acabou. Ele não tem oposição em Brasília. E aí que a voz de oposição era o Correio Braziliense.

E o Noblat ainda saiu como vilão da história.

Ainda saiu como o vilão da história...e hoje é uma referência, né? O blog dele, que ele faz de forma independente...já não é mais de forma independente, acho que já está no IG (Internet Grátis), já foi para o Globo...mas ele ali tem uma certa autonomia. Até censurarem ele e ele sair puto de novo. (risos) Mas assim, você vê que é uma referência, né? O cara tem umas fontes muito boas e é simplesmente isso. Ele não toma partido...tem muita gente que acha ele de esquerda, mas não é...porque, coincidência ou não, por um longo período da história, todos os políticos envolvidos em falcaturas eram de direita. Por que a

esquerda não tinha o poder, também. Agora que a esquerda tem você viu que todo mundo é humano, né? (risos) Ser humano é ser humano, você tentou o cara ele...a ocasião faz o ladrão, né? Do que a gente tava falando mesmo? (risos)

Do aspecto politizado.

É. A gente gosta de colocar. Tanto que a gente falou “pô, vamos fazer logo uma peça chamada



Política”. E é uma peça que a gente não quer montar de novo, porque a gente fez ela com tanta raiva, que ela ficou extremamente agressiva. As pessoas falavam assim: “cara, vocês enlouqueceram?”. (risos) Mas a gente realmente queria ter uma postura de homem-bomba, sabe? Falar assim: chega! Chega de pegar leve, vamos fazer uma peça chamada “Política”!

O cenário era um banheiro público, tinha seis

privadas. A gente azulejou o Teatro dos Bancários todo. Era nosso cenário mais bonito, a luz ficou fantástica porque era todo o azulejo branco, a luz refletia...cara um negócio espetacular, são as melhores fotos que a gente tem de espetáculo. Agora, a gente não vai montar de novo, porque ela ficou tão agressiva, tão desnecessariamente gratuita (risos), que as pessoas ficavam muito chocadas. Tinha uma

tade”! Aí começa: um cara bota salto alto o outro começa a fumar maconha. (risos) Aí começa a virar uma coisa muito agressiva. (risos) Aí um (dos parlamentares) tira um cara do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) da jaula e diz: “esse aqui a gente vai soltar para caçar amanhã”. (risos) “Aí, beleza onde é que vai ser”? “Vai ser lá na fazenda”. “Vai ter orgia”? “Vai”! “Leva sua mãe”! “Vou levar sim”. (risos) A gente queria agredir muito e as pessoas ficaram muito chocadas com isso.

Teve uma coisa legal que saiu dessa peça, que foi aquele Hino Nacional patrocinado, que circulou na Internet e a gente perdeu a autoria, porque na Internet, na época, não tinha vídeo. Não tinha o YouTube. Hoje as pessoas postam coisas nossas, mas, com o vídeo, você ainda

consegue a autoria. Mas o negócio do hino patrocinado ninguém sabe que é nosso. Perdeu-se a autoria assim. O Millôr (Fernandes) publicou, o Zé Simão publicou, da Folha, o Zuenir Ventura. Muita gente publicou esse hino falando: “porra, é uma coisa genial que eu recebi” e ninguém sabia que era nosso. E era o final da peça, que era o Brasil tentando pagar a sua dívida e vendeu cotas de patrocínio em alguns filmes nacionais.

Aí a gente também convidava as pessoas assim: “agora fiquem de pé”, o teatro todo se levantava. O Siri era presidente da República, aí aparecia uma bandeira e no lugar de “Ordem e Progresso” estava escrito “Anuncie Aqui” (risos) As pessoas já ficavam assim (encena pessoa boquiaberta) (risos) E a gente cantava esse hino projetando a letra atrás, só que a maioria das pessoas, com cinco minutos de hino, se sentavam, cruzavam os braços, ficavam putas...e ficavam ofendidas. E realmente é para ofender, para ser agressivo, mas não com quem estava assistindo,entendeu? E teve um efeito dúbio. E a gente falou: “esse negócio do hino vai dar merda...não

vai...vai dar merda...não vai”. A gente tava viajando e compondo a letra, colocando palavras em que a métrica fosse igual, né: “num posto do Ipiranga...” em que os fonemas fossem parecidos... que um distraído ia achar que era o hino mesmo. E a gente passou essa viagem, uns três dias, montando o hino e passando mal de rir...“ah, vai ser muito engraçado...será que vai dar merda”? Cara, no dia da estréia da peça, foi na sexta-feira, a gente estreou a peça e saiu de lá assim (expressão tensa): “é, as pessoas ficaram meio tensas, mas tudo bem, se der merda vai ser depois da temporada”. (imita barulho de celular) Os telefones começaram a tocar. Onze e quarenta

da noite. Aí atendemos, era o Correio Braziliense: “olha, tem gente ligando para cá indignada, o que vocês fizeram”? (risos) “A gente fez uma brincadeira com o hino...” “Brincadeira com o hino?” (exaltado) Como assim brincadeira com o hino”? (risos) Cara, no outro dia saiu uma matéria grande, eles queriam processar a gente...alguns leitores do Correio que foram assistir a peça na estréia, o próprio Correio Braziliense...e deu essa versão dos fatos, querendo abrir um processo no Ministério Público. O Ministério Público consultou vários juristas... aí descobriram que era uma lei, essa lei que você não pode modificar símbolos nacionais, era uma lei do (ex-presidente Emílio Garrastazu) Médici. Isso não faz mais sentido, hoje você vê biquíni com a bandeira do Brasil, você vê canga imitando a bandeira, não faz sentido isso. Aí consultaram três juristas muito experientes e eles falaram: “deixa os caras, pelo amor de Deus, gente. Nós estamos no ano 2000, você estão mexendo com isso”? (risos) Então foi ótimo, foi um alívio fantástico.

Mas não foi a única vez que o público, pessoas do público, procuraram o Ministério assim...querendo censurar mesmo o grupo. Teve um cara até com questões políticas. Ele

é até morador aqui da Asa Sul e ele foi assistir com a esposa “Jingle Bells”, que é uma peça sem nada de mais. Só que ele achou que, segundo o processo...um cara do Ministério Público ligou para a gente, estávamos em São Paulo: “chegou um processo aqui e eu sou fã do grupo, então queria que vocês dessem uma lida... em um processo é importante vocês saberem do que se trata, antes de dar encaminhamento... a gente vai encaminhá-lo na semana que vem. Se vocês estiverem aqui antes, isso não é ilegal, o que estou fazendo, não é nada disso. Só para vocês darem uma lida...achei interessante o teor”. Aí cara, a gente foi ler. Uma piada, cara. O cara falou que o ator que encenava Jesus Cristo se parecia com uma besta-fera. (risos) Nisso ele estava certo, porque era o Welder (Rodrigues, da Cia.) que fazia. (risos) A gente não tirou a razão dele nessa parte do processo. Só que ele queria proibir nossas apresentações, desse espetáculo e de todos, em caráter local, nacional e internacional. Ou seja, ele queria eliminar o grupo da face da terra.(risos) Queria apagar Os Melhores do Mundo. Aí cara, eu não sei por que raios, o Ministério Público falou: “procede. Vou dar prosseguimento a este processo”. Ou o cara achou tão e engraçado e falou assim: “vou ver até onde isso vai”, ou ele era da liga





das senhoras católicas e também se ofendeu. Então o processo foi aberto. O Ministério Público, ocupando nosso dinheiro e o espaço da justiça, que quase não está ocupado, mandou dois policiais civis assistirem ao espetáculo e ver se realmente era agressivo. Quando eles chegaram ao teatro e viram, eles ficaram morrendo de vergonha, os dois policiais falaram: “cara, desculpa, não estou acreditando que estou aqui. Como se não tivesse nada para fazer, como se não tivesse problema em Brasília...não estou acreditando que alguém me mandou aqui por causa disso”. A gente falou: “pois é, mas cumpra seu papel: entre e assista à peça”. O cara assistiu, passou mal de rir, e falou: “vou dar o

meu parecer lá, vou dizer que não é nada disso. Me desculpem por estar aqui tomando o tempo de vocês”. Pô, realmente, né?

Você falou antes sobre o GOG. A cultura de Brasília é muito forte. Você acha que recebe incentivo e divulgação suficientes?

É cara. É difícil fugir desse eixo. Agora a Internet está fazendo um papel importantíssimo, porque ela pulou o que existia de mais mafioso, principalmente para a música. Por outro lado, também, a tecnologia proporcionou a pirataria. É difícil. Você tem que ganhar dinheiro hoje com show, com venda de DVD de música, que se consegue vender mais do que CD. Mas para a gente é fantástico,

porque ela atropela essa máfia da divulgação, da distribuição. O cara que tinha a distribuição, é um selo, EMI...o cara era o poderoso. Eu lembro que o nome dessa pessoa era muito conhecido, porque o cara conseguia botar os discos nas lojas. Só isso, fazer com que as outras pessoas conhecessem os discos. Pela Internet não tem dessa. Não há como barrar a informação. Não existe possibilidade de você impedir que uma coisa chegue à casa de alguém.

O nosso espetáculo foi assim. Quando a gente fez aquela entrevista no Jô - foi a segunda vez que a gente foi no Jô Soares - não repercutiu muito na bilheteria. O programa passa muito tarde, é um

público muito selecionado, mesmo. Classe AAA, como eles chamam. É um público que pode se dar ao luxo de dormir mais tarde, é um público de alto poder aquisitivo, mas em número não é tão abrangente. Não repercutiu muito na bilheteria. Então a gente foi, realmente, para divulgar um trabalho para um público formador de opinião. Só que aí, dois caras de Cuiabá, dois cuiabanos, mudaram nossas vidas. Saiu naquele site Jacaré Banguela (www.jacarebanguela.com.br). Eles riparam a entrevista e colocaram no *YouTube*. Em um mês, um milhão de acessos, cara, e a gente recebendo *e-mail*...chovendo *e-mail*. A gente entrou em contato com os caras. Eles esperavam um processo, a gen-

te mandou um agradecimento (risos) "Vocês são visionários, muito obrigado"! (risos) Eles nem acreditaram, porque deu uma divulgada violenta no grupo. Esse ano, a gente só vai viajar com "Notícias Populares". A gente tinha planejado, no ano passado, viajar com vários espetáculos. A gente tem uns quinze espetáculos para viajar. Mas esse ano vai ser só Notícias, por causa do Joseph Clumber. Olha o que o *YouTube* proporcionou de divulgação do grupo. A Internet é

soas sabem de cor, falam a fala antes da gente nas outras cidades do Brasil, sabe? Quando chega essa cena (do Joseph Clumber), as pessoas gritam como se uma banda tivesse anunciado uma música. Eu nunca tinha visto isso no teatro. Um personagem de teatro, inventado, ser aclamado como uma música, entendeu? Você falar: "agora vou tocar Ana Júlia"! (imita público ovacionando) (risos) Eu nunca tinha visto isso e a gente foi pego de surpresa. A primeira vez foi em

manda uma pessoa ir lá e mandar o cara desligar a câmera. Existem vídeos de todos os nossos espetáculos hoje no *YouTube* e isso só faz ajudar. Só ajuda a divulgar, porque são trechos...não dá para usar aquilo comercialmente, a qualidade de áudio geralmente é ruim, a pessoa filma de celular ou com uma câmera de baixo *megapixel*. Não é uma coisa que o cara vai usar comercialmente, entendeu? Não tem como substituir o teatro.

vinte mil reais, cinquenta mil reais. O cara compra uma câmera dessas, edita tudo em casa, queima o DVD, toca no teatro. A tecnologia...uma coisa incrível. Eu conheci muitas bandas muito boas que nunca gravaram uma fita demo. Não era possível, era inviável, uma grana surreal para pagar estúdio. Hoje você vai para o estúdio gravar só a voz ou grava tudo em casa e se você tiver uma sala boa grava a voz também. Graças à China e à tecnologia, as coisas estão ficando



fantástica e a pirataria não nos atinge em nada, porque a gente não tem material audiovisual, a gente não tem DVD...a gente vai lançar agora, mas se piratearem, ótimo, porque o DVD vai ser uma divulgação para o que a gente faz no teatro, a gente não vai viver de vender DVD. Então, o *YouTube* é a mesma coisa. A gente achou que pelo fato das pessoas assistirem, elas não iam querer mais ir ao teatro. O efeito é inverso, as pes-

Goiânia. A gente foi lá, mais um temporada, normal. Quando começou a introdução do quadro: "existem pessoas que não se..." o teatro urrou, aí eu comecei a gaguejar, errei o texto no começo. (risos) Eu olhava para o Welder, ele olhava para mim, assim: "o que está acontecendo"? Quer dizer, foi fantástica essa divulgação. Tanto é que agora a gente sempre avisa que é proibido filmar os espetáculos, mas a gente não

A pirataria não nos atingiu em nada, a gente só usa ela a nosso favor. A gente colocou telão, hoje a gente usa recurso de vídeo, o que há um tempo atrás era impossível. Você tinha que comprar uma câmera, comprar as fitas, pagar o editor, pagar hora de ilha de edição. Hoje a gente comprou uma *Sony* com um CCD. Com três CCD's você faz cinema, né? (risos). E ela custa dois mil reais, antigamente era

mais fáceis.

[Por que mesmo com o trabalho na televisão vocês priorizam o teatro?](#)

Hoje a TV serve mais... é até chato falar isso... a TV é um bico. (risos) O nosso negócio é o teatro, a TV foi uma consequência e a gente não nega trabalho. Já chamaram a gente para fazer programa de rádio, a gente faz. Televisão, a gente faz. A gente não nega trabalho.



Se a gente tiver tempo e for uma coisa que a gente domine não tem grandes problemas. A TV agora está sendo um nível mais avançado de aprendizado porque a Rede Globo é...é como a Disneylândia você trabalhar lá. A gente escreve um texto assim: "eles estão em um cruzeiro, em um navio, aí entra uma cantora alemã"... Por que a gente vai colocar uma cantora alemã se a gente pode botar um corpo de marinheiras vikings? (risos) Aí você chega lá no dia, está tudo pronto. Tem vinte mulheres de *viking* com o balé ensaiado. (risos) É maravilhoso você brincar de Deus. É igual você ser um filho de um milionário excêntrico trabalhar na Globo. Então, é um nível mais alto de aprendizado, porque a gente já participou de outros programas, mas era assim: uma câmera, duas câmeras. Lá, você

tem quatro câmeras, uma grua, uma edição linear já ali, no "pau", efeitos especiais por trás...uma série de recursos que a gente nem sonhava que existia. A gente está aprendendo uma linguagem nova e tem sido interessante. Agora, a gente achou que isso fosse repercutir na bilheteria, mas não repercutiu, também, porque o programa é muito popular. As pessoas ditas "de classe" que assistem, negam. (risos) Ninguém fala que assiste Zorra Total, né? (risos) "Ai, aquilo popular, mulher pelada, que coisa horrível"... (risos) Então o teatro ainda é muito caro. Por exemplo, o Joseph Climber, somando hoje as várias postagens, tem mais de quatro milhões de acessos. Os teatros lotados no Brasil, hoje, são desses acessos. O Zorra Total tem 35 milhões de pessoas que assistem, todo sábado. E

pouquíssimas vão falar com a gente: "vi vocês no Zorra Total e vim assistir no teatro". A maioria é: "Joseph Climber! YouTube! Joseph Climber"! Noventa por cento do teatro. O nosso público-alvo realmente é quem tem Internet, porque quem assiste vídeo tem um bom computador, tem banda larga. Tudo isso é muito caro, então a pessoa tem dinheiro para ir ao teatro. O público do Zorra Total é um público em grande parte paulistano, que eles chamam de classe C e D. A emissora nomeia assim. Eu não sei se esse A, B, C e D deles é embasado na pesquisa de bens que o governo faz ou se é uma forma deles de denominar e categorizar as pessoas. A televisão hoje serve mais para mídia que eles nos dão como permuta, que é uma agenda no Vídeo Show, que a gente não tinha antes,

que eles dão prioridade. A Globo só fala dela mesma, né? Pelo fato de você ser da casa, eles falam de você com orgulho. (risos) Antes, não, apesar de ser a mesma coisa. E uma coisa que chama calhau. Eles vendem comerciais de 15 segundos e 30 segundos, então às vezes fica um buraco de 15 segundos e eles dão para a gente. Em Brasília passa muito aquele "viva bem no verão", aquelas propagandas do Casseta & Planeta. Aquilo ali é tapa-buraco, chama calhau. Então, quando faltam 15 segundos para preencher aquele espaço comercial, eles dão isso para a gente. Toda cidade em que a gente está, eles dão um calhau para a gente, o que é bombástico. Às vezes a gente dá sorte de pegar o intervalo do Fantástico, coisas que seriam "impagáveis", um anúncio que custa 100 mil reais. Então, pelo fato de você trabalhar lá, essa divulgação é uma mão-na-roda.

Mas é muito legal, a gente quer continuar trabalhando na televisão. Nosso contrato foi renovado até o ano que vem, até janeiro. Já é o quarto contrato. O primeiro foi de dois meses, depois três meses, depois renovaram mais três meses, agora renovaram um ano. E eles têm dado mais espaço, a gente estava meio insatisfeito no início, porque as restrições são tantas. A gente está mal acostumado, porque no teatro

é liberdade total. Qualquer coisa que a gente fala lá no teatro, se a gente falar fora é preso. (risos) Mas porque é teatro, uma obra artística, tem essas liberdades. (risos) Mas na televisão é exatamente o contrário. A gente manda o texto, aí vai para o redator final - que é responsabilidade dele - depois vai para o departamento jurídico. E volta assim: de três laudas, volta uma e meia. (risos) Aí a gente reescreve e se precisar ele volta com menos tempo. Mas tem coisas bobas assim, por exemplo: "o pessoal chega em uma Kombi"... aí o departamento jurídico fala que Kombi não pode, por que é uma marca. Tem que ser "perua". "Pô, mas perua não tem graça". Então não vai ter graça. (risos) Eles chegam a certos exageros porque, se o departamento jurídico existe, logicamente, qualquer coisa que passar a cabeça desse cara, que é chefe do departamento jurídico, vai rolar sem piedade. Então, ele tem exagero de cuidado. Outro dia trabalhando naquele "Nave Brasil" a gente: "o cara chega na 25 de Março"... Aí:



"não, 25 de Março não pode, porque é o nome de uma rua. As pessoas podem ficar ofendidas, estão falando que é rua de sacoleiro". Mas é rua de sacoleiro! (risos) Pelo amor de Deus, a 25 de Março é uma rua de sacoleiro! "Mas as pessoas podem se ofender"... Então vamos fazer um trocadilho com nave espacial, né? Botamos rua 25 de Marte. (risos) "Tá bom, pode ser". "Não, espera aí. Não pode. Porque pode

ser que as pessoas associem a uma operadora de telefonia ou a um candidato". Pode ser que? Você está proibindo número? Não posso falar vinte e cinco? Vinte e cinco! Vinte e cinco! (risos) Ah, pelo amor de Deus! Cara, isso a gente ficou puto, eles deixaram. Tudo bem, passou o vinte e cinco. Mas é assim, um excesso de cuidado. Cara, censurar um número? Vinte e cinco? (risos) Um número em um contexto...que é uma

clara referência a uma rua de São Paulo. Não..."pode ser que faça referência a uma operadora de telefonia ou a um DDD, ou"... Cara, aí tá difícil. (risos)

As pessoas que só têm acesso ao produto final nem imaginam que isso seja pensado...

É, não pode falar de ninguém da Globo, de ninguém de fora da Globo, de nenhum político, de nenhum artista... É difícil fazer humor assim, cara. As restrições são exageradas.

Como vocês lidam com visibilidade proporcionada pela televisão, que faz com que vocês se tornem modelos, pessoas que passam a ser ouvidas?

Cara, é assustador. Você vira um semi-deus. Tanto que as pessoas confundem...a gente fica chateado com isso, porque a nossa conquista do sucesso foi no teatro. A gente já lotava teatros em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Goiânia e Brasília. Nos convidaram para fazer televisão e a gente está aqui. "Vamos fazer"? "Vamos"! Convi-



daram justamente pela repercussão do nosso trabalho no teatro.

Paga-se mal. O salário da Globo...a gente ganha menos do que ganha no teatro. Então é mais um motivo para tratar como um bico, entendeu? Porque eles se baseiam assim: "você vai se projetar, sua imagem...você vai ganhar campanhas publicitárias"... Só que isso, quando você fala de novela, né? As empresas gostam de associar os nomes dos produtos à atriz de novela, mas nunca a atores de comédia, cara. Comédia é sempre segundo plano. O Welder, na última vez que a gente foi a São Paulo, a gente foi lá em Higienópolis, no *shopping*...aí um casal reconheceu, pediu autógrafa dele. "Você faz o Jájá e Jújú, né"? Aí dois viraram quatro, viraram oito, viraram doze pessoas e ele começou a pedir desculpa e falar: "olha, desculpa, estou com um pouquinho de pressa, com licença"... Aí foi juntando e ele não conseguiu mais andar, cara. Aí veio o segurança do *shopping*, um cara gigante. (risos) "Quem mandou ser famoso"? (risos) Pegou ele, jogou para fora, escoltou e botou em um táxi, para sair. Então, assim: com a projeção que o Welder tem hoje, se ele fosse ator de novela, ele estaria milionário e fazendo todos os comerciais da Brahma, da Antarctica, cheio de mulheres maravilhosas. (risos) Mas é comediante.

Comédia não é ninguém, cara. Ator de comédia não é ninguém. (risos)

E quando Eurico Miranda quis homenageá-los pelas comemorações dos jogadores do Vasco imitando o Jájá e vocês recusaram?

Foi muito bom, cara! (risos) Cara, é a expressão da verdade a televisão. Não sei se você já viu aquele filme, Será que ele é, em que o cara faz uma brincadeira no Oscar. "Querida dedicar ao meu professor, que é gay"! (risos) Cara, a vida do cara virou um inferno...a expressão (da verdade) deve ser o Cid Moreira. (risos) Meu amigo, você se vira se ele falar assim: (imitando Cid Moreira) "não gosto dele. Boa noite". Ninguém vai gostar de você mais, cara. (risos) Está fodido na vida. A televisão é uma caixa assustadora, caixa de doido mesmo. E a Adriana (Nunes, da Cia.) as pessoas não reconhecem. Só quando ela está com o Welder. Aí eles associam na hora. Pô, não pode ter um casal tão parecido. Mas ela usa enchimento, cabelo, é outra pessoa. Outro dia na (rua) 25 de Março, ela estava comprando coisa para o teatro e dois caras acharam ela parecida com a Jújú. Então, começaram a sacanear achando que era uma mulher parecida. (risos) E ela ria muito. Os caras passavam atrás dela carregando caixa assim: (imitando a Jújú) "assim

você me sufoca"! (risos) Mas eles nem sonhavam que era ela, na 25 de Março, comprando coisa. (risos) Cara, ela ria muito disso. Imagina, os caras devem ter falado: "olha que mulher feia, parece aquela mulher" (risos) Começaram a sacanear, achando ela parecida.

Você até comentou que ela não agüentava mais ser chamada de Jájá.

Tanto que o próximo (programa) que eles gravaram, eles fazem isso. Estão em uma oficina mecânica e fazem isso. "Vamos esclarecer isso de vez: Jacinto, Jurema. Prazer. Jacinto, Jurema. Jájá, Jújú". Eles falam dez vezes isso. (risos) Vamos esclarecer isso definitivamente. (risos) Realmente a escolha

dos nomes...é porque é Jacinto, né? Jurema...são nomes muito atípicos. As pessoas acham que ele se chama Juscelino e ela se chama Jacira. (risos) Mais fácil, né? Mas isso também não tem o menor problema. Por exemplo, Chitãozinho e Xororó. Eu não sei quem é quem. (risos) Não sei, juro. Milionário e José Rico, que não têm nada a ver um com o outro fisicamente, mas eu não sei quem é o Milionário e quem é o José Rico. Pipo e Welder. As pessoas me chamam de Welder na rua direto. (risos) E eu já respondo: "e aí, beleza"?, nem corrijo mais. (risos) Porque sai um cartaz, né? "Jogo de Cena com Pipo e Welder", com duas fotos. Mais do que normal, virou um nome só. Jájá e Jújú é a mesma coisa.



E o filme de vocês, o curta-metragem?

O curta-metragem foi outra novela. A gente está conseguindo queimar o DVD agora. A gente conseguiu fazer o filme todo, da maneira mais profissional possível. “Vamos fazer um DVD?” “Vamos!” Aí mandamos para uma empresa de São Paulo e a empresa falou: “olha, vocês precisam ter um registro da Ancine (Agência Nacional do Cinema) e Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S.A) para vocês queimarem um DVD, um curta-metragem”. Tudo bem, mas a gente não vai comercializar isso. A gente vai distribuir. Essa primeira mensagem era para distribuir mesmo, para amigos, para a Rede Globo, que são formadores de opinião, para fazer o nome do grupo. A gente não vai vender.

“Mesmo assim”. Então tudo bem, como é que faz? “Você vai lá na Ancine, preenche um cadastro da empresa de vocês, dá o seu número”... Pre-

enchemos, mas um cidadão falou: “não, vocês não podem fazer cinema”. Não, você não está entendendo, a gente já fez. (risos) “Porque a gente não ficou sabendo. Porque se agente ficasse sabendo... vocês não podem fazer cinema. A empresa de vocês não pode fazer cinema”. Cara, (a Ancine) é uma empresa que foi feita para fomentar a indústria cinematográfica, devia incentivar, né? Falar: “porra, do caralho! Vocês fizeram um, façam mais cinco!” É o efeito contrário. O Brasil é um país estranho, né? (risos) Nós tivemos que lutar. Agora que a gente conseguiu esse tal desse registro. E, na época, a gente brigou ainda. A gente falou assim: “olha, não vou mentir pra você não. A gente já fez e vamos fazer outros. Quando você vir, já está pronto”.

E qual foi a justificativa para a proibição à empresa da Cia.?

Porque produções artísticas não englobam cinema. Aí agora a gente está abrindo outra (empresa)

para rodar o próximo curta. A gente está abrindo outra empresa que vai englobar produções artísticas, cinema e publicidade. Agora eu posso tudo. (risos) Olha que merda. A “burrocracia”. A gente falou: “a gente está tentando fazer da forma correta, mas, se a gente pensar em Taguatinga, sai um terço do preço e o dobro da quantidade. Com encarte...igual. O mesmo que a gente está tentando fazer com nota fiscal. A gente quer fazer a coisa correta, ajude-nos. Ajude-me a te ajudar!” (risos) Não rolou, cara. Agora eles deram assim: “vamos abrir uma exceção”. Uma exceção: Os Melhores do Mundo Produções Artísticas vão pensar um filme, um curta-metragem que já está pronto, em DVD.

É por este tipo de burocracia que vocês preferem patrocínio de empresas privadas a incentivos do governo?

Neste caso a gente prefere. Para ter mais autonomia, mais liberdade. Até para não se envolver com nada oficial. A Lei de Incentivo à Cultura só porque é uma exigência das empresas que nos patrocinam...isenção fiscal, tal... E essa lei é uma coisa que funciona. Por incrível que pareça, isso é uma coisa em que o governo demonstra agilidade. Às vezes no final do ano a Coca-Cola, por exemplo, é uma empresa que trabalha com a gente sem-

pre com uma coisa que eles chamam de sobra de caixa. Nós somos o plano Z deles. Eles patrocinam tudo o que tem para patrocinar, tem uma verba para trabalhar, e sobra um dinheiro no fim do ano e eles ligam para gente e falam: “aprovem um projeto no ministério, que vocês pegam essa grana”. Aí você faz um projeto, com todo o orçamento especificado, tudo que você vai alugar, tudo o que você vai comprar...não, você não pode comprar nada material, nenhum bem... você pode alugar. Aluguel de teatro, pagar passagem aérea, pode pagar hotel, pode até tirar cachê para todo mundo se você quiser, tirar salário. Só que a gente nunca faz isso. Nenhum bem durável. Você pode confeccionar figurino, é engraçado. Você pode comprar linha, pano e pagar a costureira, mas você não pode comprar uma roupa pronta. Equipamentos elétricos, eletrônicos. Eu acho bom mesmo assim, senão vira picaretagem. Já é meio assim, as pessoas já montam o espetáculo e depois ficam com o equipamento. Então, se abrisse, assim, muita gente ia montar um projeto só para isso, para adquirir equipamento. E as empresas estão bem satisfeitas com a gente, as empresas que nos patrocinam, por isso: a gente não tem cachê. Esse dinheiro que eles dão para a gente é todo investido no espetáculo. Nossa prestação de con-



tas sempre foi exemplar, porque, pela nossa experiência, a gente sabe exatamente o que vai gastar e nosso orçamento é real. A gente sabe quanto é o aluguel de luz, quanto é o aluguel de som, quanto a gente vai pagar no cenário, essas coisas. Então, é só executar mesmo, pegar as notas fiscais e entregar. Aí você tem que prestar contas para o ministério, senão você fica devendo prestação de conta e, não conseguindo provar que você usou esse dinheiro de forma correta, tem que devolver toda a grana.

Alguns filmes...o cara que fez o Chatô, né? Guilherme Fontes...Guilherme Fontes...tomara que eu não acuse outro aqui.

(risos) Ele, por exemplo, pegou uma grana fodida, começou a fazer um filme, comprou uma mega casa para ele no Rio de Janeiro, montou um mega estúdio de cinema para ele. Não saiu o filme, ele não devolveu o dinheiro. Ele é uma pessoa que tinha que estar na cadeia. Cadeia mesmo. Muita gente faz isso. Na área de cinema, principalmente. Porque cinema realmente, cara...nosso filme estava orçado em 80 mil reais. A gente gastou 120 mil. E olha que a gente estava certo do que estava fazendo. Cinema realmente é complicado. E é engraçado isso, é um filme que foi bancado pelo teatro. (risos) Porque o restante

da grana a gente foi pagando, em prestações, com a bilheteria do teatro, entendeu? Ou seja, foi um cinema financiado pelo teatro, acho que isso nunca tinha acontecido antes. (risos) Para conseguir terminar o filme. A gente deve rodar outros.

Esse ano vamos lançar um DVD, também, que a gente gravou na Serra da Capivara, do espetáculo "Hermanoteu na Terra de Godah". É um espetáculo bíblico. Aí a gente achou esse parque ecológico, uma reserva ecológica no interior do Piauí, cara, que tem o maior registro de pinturas rupestres do Brasil...das Américas. O maior parque arqueológico das

Américas fica no Piauí e ninguém sabe disso. Chama Serra da Capivara. Menos de um terço dele foi explorado e, neste menos de um terço, já tem a maior quantidade de registros das Américas. A cada seis meses vem uma equipe da França e da Inglaterra, de arqueólogos, para procurar novos parques arqueológicos. Eles encontram dez, vinte por semana. (risos) Eles andam mais cinco quilômetros e param. Aí ficam seis meses explorando aquilo e acham riquezas inteiras: urnas funerárias...

É engraçado que os arqueólogos sejam estrangeiros.



É. A mulher que toma conta do parque, quem mudou a história da região, foi uma francesa, que se chama Niége Guidon. Ela mora lá sozinha, toma conta do parque, é homossexual assumida, mora sozinha, no meio do nada. Ela fundou o Museu do Homem Americano lá, com dinheiro do Banco

zer cerâmica, vocês vão aprender a produzir mel, vocês vão aprender a trabalhar no parque e vão viver com isso". Cara, ela mudou a vida daquelas pessoas. Hoje é subsistência...a região, graças a ela. E o que acontece, alguns caçadores mais rústicos de lá, você imagina, eles falam: "Deus fez os "bi-

tem caçador aqui perto, aí eu faço um coquetel e fico aqui no mato esperando eles, á noite". (risos) Sozinha, no meio do nada. Quando os caras aparecem, ela mete fogo, cara. Imagina aqueles caras vendo aqueles negócios vindos do céu. Devem achar que ela é o demônio. (risos) Ela é

peças viajam, todo ano milhões de pessoas vão ao Canadá para ver um morrinho sem graça, deste tamanho aqui. Se as pessoas sonharem o que tem na Serra da Capivara...é outro planeta, cara. Outro planeta. A gente fez a peça em um lugar que se chama Boqueirão da Pedra Furada. É uma pe-



Mundial e mudou a vida das pessoas dessa região, porque as pessoas estavam depredando tudo, tirando lascas dos negócios, raspando pedras, matando os animais. O que ela fez? Juntou todo mundo e falou: "olha, vocês vão aprender a fa-

cho" para a gente comer. A dona Niéde não deixa. Ela é contra Deus, ela tem que morrer"! (risos) Querem matar ela. Só que ela falou: "como eu sou francesa, eu aprendi a fazer coquetel molotov. (risos) Então os meninos do parque me avisam quando

uma pessoa fantástica. A gente ficou tão apaixonada por ela que a gente fez um documentário também. Além de filmar a peça, a gente falou: "agora vamos fazer um documentário sobre o parque", porque é inacreditável o lugar. É outro planeta. As

dra chata, de proporções assustadoras. E ela originalmente tinha três furos, provocados pelo vento, acham os estudiosos. Dois furos caíram, então ela é uma pedra gigantesca, achatada com um furo no meio. A gente botou o palco ali na frente, mon-

tou o palco, e as pessoas vieram de São Raimundo Nonato, de Teresina...vieram mil e cem pessoas, de ônibus. Cara, foi uma experiência fantástica fazer um espetáculo no meio de um paraíso. E as pessoas gostaram muito e eram pessoas que nunca tinham visto nada, a gente ficou até com medo de acreditarem muito na história, por que a gente brinca com mitos religiosos, mitologia cristã...a gente sacaneia a Bíblia! (risos) Estou usando muitos eufemismos "ah.. mitologia cristã, de forma que..." a gente sacaneia a Bíblia pra caralho! (risos) Aí a gente ficou até com medo, cidade do interior, né...mas as pessoas adoraram a peça e ela acaba com uma ceia, distribuímos pães, vinhos. Aí tem um anjo que faz a Anunciação para o Hermanoteu, que é uma missão divina que ele recebe, e a gente colocou o anjo nesse buraco dessa pedra, cara. Quando a luz bate lá, as pessoas não acreditaram. Era um anjo, era um anjo. A gente captou tudo isso, nos empolgamos com o lugar, fizemos uma música, filmamos um vídeo clipe em película. Tem uns cânions, umas cavernas...as coisas mais lindas que eu já vi estão nesse lugar, interior do Piauí. Ao lado da Serra da Capivara tem uma reserva, que eles simplesmente cercaram, até agora. Do dobro do tamanho. Só está cercada, ninguém sabe o que tem lá dentro.

Imagina a riqueza que está ali.

A dona Niéde já veio algumas vezes a Brasília pedir porte de arma, porque estava sendo ameaçada de morte. Logo depois da morte da missionária (Dorothy Stang), aquela religiosa, ela ficou mais preocupada. "A coisa é séria". Ela veio à Polícia Federal algumas vezes, veio ao Palácio do Planalto. As pessoas ignoram, nem recebem. Ela deve ter quase sessenta anos. Ela vive sozinha...só tem alguns funcionários do museu, que na verdade são voluntários que voltaram a estudar.

Estudante de arqueologia, quando vai para lá, não acredita. Acabou a teoria. (risos) Mãos à obra. É fantástico o lugar, fantástico. E olha que pessoa fantástica: ela encontrou o homem mais antigo das Américas no Piauí. Ela encontrou essa pessoa. Ela botou um nome nele e mandou para a Europa para fazer os testes de Carbono 14. A Europa testou e falou: "olha, tem milhões de anos", não me lembro agora a data correta. "É o homem mais antigo das Américas". Aí ela mandou para os Estados Unidos. Eles falaram: "não é. É o nosso". (risos) Ela só não mudou a história da humanidade até agora por causa dos Estados Unidos. Porque ela falou: "se aqui tem o maior número de regis-



tros, na América do Norte não tem quase registro nenhum, o homem já navegava longas distâncias, a China navegava longas distâncias muito antes. A China tinha embarcações fantásticas, eles cruzaram de um continente para outro, só que eles não tinham interessa comercial e eles pararam. Gastava muito dinheiro, morria muita gente, não tinha interesse nenhum e eles pararam com isso, mas a China já navegava". Ela quer provar que a América foi colonizada pelo Sul e não pelo estreito de Bering, como todo mundo aprende nas escolas hoje. É uma teoria e tanto, né? E ela está certa! "Os homens chegaram pelo sul, depois pelo norte. Por isso que existe o maior número de registros aqui e o homem mais antigo eu achei". Agora, imagina isso para um arqueólogo, cara. E ela deu um grito, é literalmente o que acontece lá. Ela está no meio do nada, gritando. Ninguém escuta. Então a gente fez o documentário com ela. Ela mostrou o lugar do

parque em que, quando ela morrer, ela quer que deixe o corpo dela para os animais comerem. Ela falou: "eu quero ser comida pelos animais, que eu acho legal". Ela é meio cética em matéria de religiosidade. Ela acha que o aparente morto aduba e isso é bonito. (risos) Ela acha que o ciclo da vida é assim e não pode parar isso. "Deus é muito para a minha cabeça".

A gente fez uma metalinguagem, tipo Pink Floyd em Pompeii, é claro que, devidas proporções guardadas. (risos) Nos momentos em que o Hermanoteu peregrina, a gente pegou os lugares mais visuais desse parque e botou ele peregrinando mesmo, nos cânions, nas encostas, nas cavernas e mostra o parque todo nesse DVD. Está terminando o processo de edição agora. Aí tem a fala assim: "peregrina Hermanoteu"! Aí entra um *off* e fala: "Hermanoteu peregrinou por mais dois anos"... aí nesse *off* começam imagens do parque e ele real-

mente peregrinando.

E a produção é toda da Cia.?

Produção nossa. A gente colocou uma equipe inteira de cinema em um ônibus aqui e saímos daqui de ônibus, cara. Tudo bem que era um mega ônibus, super equipado, mas é pedreira, porque o aeroporto mais perto era em Teresina e lá em Teresina a gente não ia conseguir um veículo tão bom para chegar até o parque. A gente falou: "então vamos sar daqui mesmo". E a equipe foi fantástica, cara. Foi o André Luiz da Cunha, diretor que fez o curta com a gente também; o Borôro, que é um cara que trabalha com som aqui em Brasília, que é fantástico; o Paulinho, que fez o som do nosso curta, também deve fazer o acabamento sonoro desse espetáculo. E a

gente vai lançar esse ano, também, essa novidade. Esse DVD é a nossa menina dos olhos, a gente acha ele o nosso produto mais bem acabado. A gente está fazendo com muito carinho, tanto que tem dois anos isso. A gente está vendo a melhor forma dele ficar acabado. E tem tanta coisa para colocar legal.

Você tinha comentado sobre o documentário "Manipulação de Massa"...

Nossa, aquilo é fantástico. Eu mandei e-mail para os caras, eu achei o diretor sensacional. Que idéia desgraçada de boa, né? Simplicidade. E é um tapa na cara. Você assiste assim, desprezioso e fala: "pô, legal...que pessoas esclarecidas"... aí no meio do filme, aquele tapa na cara. (risos) Toma, otário. (risos) Os caras começam a falar exata-

mente ao contrário: "eu manipulei, seu merda"! (risos) Muito bom aquele diretor.

Como você avalia o cinema brasileiro?

Cara, é tecnicamente impecável. Eu acho. No Brasil, de uma forma geral, eu não gosto muito. As pessoas ficam muito reféns de quem trabalha em televisão, sabe? A produção é da Globo filmes, os diretores são de novela, os atores são de novela, aí vira uma novela. A parte técnica eu até acho muito elaborada, mas eu acho o ranço da linguagem que o Brasil não abandona, sabe? Nos anos setenta era aquela coisa panfletária da pornoxanxada, do: "aí Paranhos, vamos chupar aqueles peitinhos". (risos) Todo filme tinha isso, cara. Aí perdeu esse ranço eu falei assim: "pô, graças a Deus, o Brasil vai come-

çar agora a abrir os horizontes". Mas aí caiu nesse ranço novelesco e não sai disso, cara. A Índia tem Oscar, o México tem Oscar, o Uruguai tem Oscar, a Argentina tem vários. O Brasil, pelo amor de Deus, cara. Esse mexicano que fez "Amores brutos", o cara é fantástico. Porque a gente fala assim: "vou ver um filme do México". Não fala do México, o filme. É uma coisa fantástica. Não fala do México. No Brasil não. Tem que mostrar o Rio de Janeiro, o Nordeste, pobreza...as pessoas adoram. Mas eu vi uns bons. "Abril despedaçado" eu acho uma obra prima. A figura geométrica do filme é um círculo, né? Tudo círculo: boi girando, o círculo da vingança, o círculo da plantação, tudo circular no filme. É do caralho. E parece que é um conto israelense. Como a realidade é próxima, né? É uma realidade do oriente, um conto do oriente, que o cara pegou e adaptou ao Nordeste. "O homem do ano" eu acho um filmaço, o "Durval discos"...fantástico esse filme. Aquela abertura, aquele plano seqüência, os textos do filme no começo, descendo a (rua) Teodoro Sampaio, ali em São Paulo, nas lojas de instrumentos... aí cardápio, placa...cara, que idéia! É a Conspiração (Filmes). A Conspiração faz coisas muito bem acabadas. Eles pegam o roteiro, entregam para a Conspiração e eles fazem o diabo. "Terra estrangei-



ra” eu gostei muito, que tem uma parte que foi rodada em Cabo Verde em um navio encalhado, é até um postal de Cabo Verde, um navio antigão, tem uma cena filmada lá. É um filmaço também. Enfim, tem filmes bons. Mas quando a pessoa tem todos os canais de colocar esse filme no mercado e distribuir, aí ela faz a novela. (risos) Esses filmes que eu citei, não vi nenhum deles no cinema. Assisti em festivais depois comprei em DVD. É difícil. O último filme bom que eu assisti, que é melhor do que todos esses que estou falando, chama-se “O cheiro do ralo”. Eu assisti em um festival no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro ou São Paulo, não lembro. Cara, que filmaço, que filmaço. E o Selton Mello está bem demais. Ele faz um cara sem escrúpulos. (risos) Um cara sem escrúpulos, ponto. Cara, é um cara muito escroto o que ele faz. (risos) “O cheiro do ralo”, cara. Filmaço. Ele falou, inclusive, que ia entrar no circuito agora em março. A gente encontrou com ele no aeroporto. A gente ficou sabendo assim: a gente encontrou com o Selton Mello no aeroporto, foi logo depois do festival aqui de Brasília e ele falou: “estou indo para um festival lá no Rio, vocês querem assistir”? A gente falou que queria. O pai dele vai muito assistir nossas peças. (risos) Ele é fã do grupo. Ele (Selton) nunca vai, mas o pai vai direto. (risos) Ele falou

que é a desculpa do pai dele para tomar uma cerveja. “Ele vai sempre com um amigo dele, que minha mãe já odeia”. (risos) Aí ele sai da peça e toma uma cervejinha. (risos) Ele falou para a gente que o filme custou 300 mil reais, porque todo mundo que participou do filme é investidor. Todo mundo: da equipe, os atores. Todo mundo do filme tem uma cota. E o filme já ganhou muitos prêmios. E quando o prêmio é em dinheiro, é dividido na cota para cada um que investiu no filme. Fantástica a idéia né, cara? Fantástica a idéia. Claro que ninguém vai ganhar uma grana absurda, mas todo mundo ganha alguma coisa, todo mundo fica feliz, todo mundo é dono do filme e todo mundo se empenha. Às vezes você procura um cara que trabalha com som direto - é o melhor cara - ele pede 20 mil dólares, você oferece 15...ele topa, mas não se empenha tanto. Se ele colocar mil dólares do bolso dele, ele vai fazer a melhor coisa que ele já fez na vida dele. (risos) Ele vai se empenhar porque aquilo é dele, qualquer prêmio de som é dele, aquilo é dele. Então todo mundo deu o sangue para o filme e é um filmaço.

Como vocês se programam para gravar no Rio?

A gente sai daqui (Brasília) de manhã, pega o vôo, chega no Rio, pega a linha vermelha, linha amarela, vai para o Projac, que fica depois de Jacarepaguá. Aí chega lá por volta de

check in até 20h40, mas toma um chá de cadeira violento. Porque o último vôo passa por aeroportos em que, por qualquer ventinho, o aeroporto fecha. E passa por Foz do Iguaçu também, então, em toda parada, tem que pegar toda a bagagem e



11h e experimenta os figurinos, se tiver que fazer algum ajuste. Enquanto faz o ajuste a gente almoça, depois entra no estúdio e fica até nove da noite. Às vezes acaba oito horas e a gente corre para o aeroporto e consegue pegar o vôo. 21h40, o último vôo. Mas nunca sai na hora, esse vôo sai sempre duas da manhã. A gente tem que fazer o

passar no raio-x. Por causa dos muambeiros de Foz do Iguaçu. (risos) A Polícia Federal pega toda a bagagem e passa pelo raio-x. Aí demora.

Ah sim, um negócio interessante. Eu estou lendo esse livro, cara. Muito engraçado. “Como a picaretagem conquistou o mundo”. (mostra o livro) Eu achava que era filoso-

fia contemporânea, mas o cara vai além. No primeiro capítulo ele quer provar como Margareth Thatcher e o Aiatolá Khomeini foram responsáveis pelos atentados de 11 de setembro. (risos) O cara é bom. É um bom analista. Aí ele fala de livros de auto-ajuda. É o melhor capítulo do livro, é o meio do livro, falando sobre livros "seja um vencedor", "seja uma águia dos negócios". São livros que têm frases do tipo: "se você fez a escolha errada, tente outra escolha". (risos) De extrema valia isso para alguém. (risos) É fantástico. Tem frases fantásticas. E o Joseph Climber a gente fez em uma clara sacanagem a esse tipo de pales-

tra motivacional, porque a gente participava de eventos corporativos e sempre tem uma palestra assim. É o preparador físico da seleção brasileira; é o Bernardo, o Bernardinho do vôlei...e é só isso. O que o Bernardo do vôlei pode falar para um cara que trabalha com o mercado de ações, cara? É motivacional, ele fala: (imitando um palestrante exaltado) "em uma equipe vencedora nós temos que agir assim, respeite seus colegas e rá"! (risos) Aí ele mostra umas imagens de algumas vitórias da seleção, as pessoas se empolgam e saem de lá querendo trabalhar. Cara, é o óbvio ululante. É a indústria do óbvio S.A. Mas

por que dá certo? Porque se o presidente da empresa chegar lá e falar assim: "vamos trabalhar com garra, com gana"...ninguém vai ouvir, mas se ele pagar dois milhões de reais para uma pessoa dizer isso as pessoas vão prestar atenção. (risos) Vão dizer: "porque ele pagou essa grana para esse cara vir falar isso para a gente"? Então as pessoas começam a prestar atenção. E o Joseph Climber é uma óbvia sacanagem a isso. E em vários momentos nós fomos contratados como uma palestra motivacional, séria. (risos) E logo depois entra um cara introduzindo a mesma coisa de uma forma séria. Só o contratante

não percebeu, só o contratante achou que fosse uma forma bem humorada de dizer isso. Mas as pessoas que estavam assistindo sacaram que era sacanagem. Então, elas se acabavam de rir com o Joseph Climber e quando entrava o palestrante se acabavam de rir também! (risos) E o cara ia ficando desconcertado e a gente no camarim passando mal. (risos) Como o cara não percebeu isso? Como o cara contrata a gente para fazer uma coisa em que o humor tinha que passar do outro lado da rua? (risos) O objetivo que ele quis alcançar a gente conseguiu perder... e a gente se apresentou antes da palestra. (risos)



Se tivesse sido a palestra primeiro e depois a gente entrasse sacaneando aquilo, as pessoas iam tirar um peso. Mas ele ainda fez um caminho inverso. Muitas vezes a gente é contratado como palestrante principal. E é um equívoco, porque as pessoas passam mal de rir, percebem que é uma sátira e dão graças a Deus que não contrataram um cara sério.

Às vezes as pessoas não entendem que é uma sátira, como aconteceu com o "Borat".

O que é isso, né? Tentaram processá-lo, mas o turismo (no Cazaquistão) aumentou e eles deixaram para lá. (risos) É maravilhoso aquele filme, cara. Eu vi duas vezes. Fantástico. Em alguns momentos você vê até que é dirigido, que são atores, mas isso não tira o mérito do filme. Melhor ainda. Engana as pessoas? Melhor ainda. Cinema é para isso, para enganar as pessoas. Quando ele chega falando com aqueles negros: "ei cara"... Você vê que tem uma câmera ali. Aí eles falam assim: "ei cara, quem está aí com você, você veio sozinho"? Dá para sacar que foi dirigido, mas isso não tira em nada o mérito do filme. Para mim só agrega valor. Eles captaram 400 horas de filme e esse primeiro tem 58 minutos, quer dizer, deve ter mais dois bons prontos. É óbvio que eles tinham que filmar tudo,

porque hoje se ele chegar lá e falar: "oi, eu sou do Cazaquistão"... as pessoas vão rir, né? Hoje ele virou o maior ídolo americano. Era uma coisa para sacanear os costumes deles e ele hoje é o maior ídolo dos Estados Unidos, o "Borat". Engraçado, né? Efeito inverso. (risos) Ele falou assim: "vou sacanear muito os americanos". Virou um ídolo. (risos) Ele é inglês, dessa escola do Monty Python, a escola do humor que a gente gosta. A gente não tem competência para fazer desse nível, mas eles fazem um humor que a gente gosta, esse humor inglês, que é sem limites. Aquelas piadas com os judeus... e ele é judeu! (risos) Então ele pode, de uma certa forma, brincar isso. O cara é muito bom. "Estou aqui na toca dos judeus"... (risos) O filme é fantástico, cara. E eu fui assistir em um dia de carnaval, no *Cinemark*, e antes do filme passou um trailer daquele "Deu a louca em *Hollywood*", que é um filme satirizando todos os filmes que eu não vi. Então, não entendi nada..."*Super Homem*", "*Homem Aranha*", aquele filme das cobras no avião...e eu nunca vi as pessoas rirem tanto em um trailer. O cinema in-

teiro se batia "Hahahaha", e eu assim: "cara, eu não vi nenhum desses filmes". Aí, quando começou o "Borat" rolou uma reação inversa. (risos) Eu comecei a ficar constrangido, porque as senhoras do meu lado estavam achando aquilo tudo um absurdo e eu gritando no cinema. (risos) E as senhoras olhavam para mim, olhavam para o filme...aquela luta deles pelados é uma cena

e se conseguir ensacá-la...pronto. É dele. (risos) Se o homem conseguir dominar a mulher. Olha que absurdo, cara. (risos) Se você conseguir botá-la dentro do saco ela é sua, se não conseguir é porque ela não foi feita para você, a mulher vai conseguir te dominar. (risos)

E música? Você também é baterista, não é?



antológica do cinema. (risos) Fantástico. Por exemplo, aquilo (a cena do saco nupcial), lógico que foi dirigido, aquela tarde de autógrafos ela (Pamela Anderson) marcou só para ter essa cena, mas é maravilhoso, cara. Eu ria de passar mal. Maravilhoso. Aquele grupo de feministas...ele: "eu não conseguia prestar atenção no que aquele rapaz estava falando"...aquele rapaz! (risos) É muito absurdo. Aí a mulher deixa ele lá, né? (risos) O saco nupcial...ele borda o nome da mulher

É muito bom. A bateria dá uma habilidade psicomotora...e isso para a vida é importante. Eu sou uma negação em instrumentos de corda. Até toco teclado, toco clarineta, sax. Não tenho noção nenhuma de teoria musical, mas eu toco assim mesmo. (risos) Mas você vê como é o "Borat": eu peguei a trilha do filme, que tem muito Goran Bregovic, que é um cara em que eu me amarro. Ele faz uns filmes com o (Emir) Kusturica (cinasta bósnio). Acho que o pai dele é sérvio e a mãe é

croata. E ele faz a música do mundo, chama Goran Bregovic o cara. Fantástico. E o maior sucesso dele é "Kalashnikov", que é o nome da metralhadora, (risos) aquela HK 47, metralhadora mais vendida... a pior arma do mundo. Lógico, a que mais mata é a pior arma do mundo. E as pessoas ficam meio em dúvida porque ele canta em uma língua desgraçadamente eslava, que mistura búlgaro com alguma coisa ininteligível. E as pessoas ficam em dúvida se ele está festejando a metralhadora ou se ele está satirizando o fato, né: "kalashnikov! Kalashnikov! Hei! Hei! Hei! Hei!" (risos) Só que sempre que toca essa música nos shows é uma explosão, as pessoas quicam. E é muito boa a banda, parece uma bandinha tradicional alemã, os backing vocals são alemães gordinhos. (risos) E ele toca um instrumento que tem um bumbo no chão, um prato aqui, uma coisa que ele pisa. É uma bateria meio rústica, da Croácia. Cara, eu sei que a banda é fantástica, é uma metaleira. Aí eu peguei uma música e fiz um *remix*, botei um *drum n'bass*. (risos) Aí, cara, botei na Internet. Tem quase mil acessos. Recebi dois e-mails em búlgaro. (risos) Estou desesperadamente tentando traduzir, já entrei em uns sites, mandei para uns sites

que fazem tradução on line...tem um site muito bom em que você traduz de qualquer língua para qualquer língua. Se, porventura, ele não identifica algumas palavras, aí ele te manda uma mensagem dizendo: "olha, mandamos para um especialista e ele vai te mandar um e-mail". Cara, é uma coisa fantástica. Sem limites. Eu estou esperando a resposta desse site. (risos) Definitivamente eu não sei. Existem línguas e línguas, né? Uma língua que tem palavras de treze letras...onze são consoantes. (risos) Com acento circunflexo ao contrário em cima do "c". Cara, eu fico olhando para aquilo horas...um acento circunflexo em cima do "c" e uns

tremas em cima do "v" e do "w". (risos) Olhei horas para aquela palavra e falei assim: "cara, você pode chutar à vontade". Nem idéia, cara.

O irmão do Millôr Fernandes é um historiador famoso, esqueci o nome dele (Hélio Fernandes). Ele tem um programa na TVE. É um historiador fantástico, né? Aí assim, o que era para ser uma pílula de 30 segundos... ele entra e não tem como cortar, não tem como botar fascículos, é impossível. Então, ele passa 23 minutos explicando a alta do feijão dessa semana. Só que ele começa na Grécia antiga, né? (risos) "Vocês podem reparar...essa semana o feijão aumentou, né? De

R\$ 1,25 para R\$ 1,87. Porquê? Por que na Grécia"... (risos) Cara, ele consegue explicar o aumento do feijão começando na Grécia antiga. É muito bom.

(Conversa com o garçom, Cícero)

Cícero é engraçado. Quando eu venho aqui com casaco de capuz, eu chego em casa e tiro o casaco e milhares de tampinhas de garrafas caem. (risos) Ele não pode ver uma bolsa aberta, um negócio que ele vai passando...e ele tem uma técnica milenar de jogar tampinha de garrafa. (risos) Tem que ficar ligado com ele.



Eu estava falando do (Hélio) Fernandes, né? Na época que o Jô Soares tinha o programa no SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) ainda, ele chegou a um auge que só se a pessoa fosse referência no Brasil (seria convidada ao programa). Foi meio *blasé*, assim. Ele fingia intimidade com todo mundo e quando a entrevista interessava a ele, quando era alguém famoso, ele bajulava a pessoa, falava: "você é maravilhoso". E quando a entrevista interessava ao entrevistado, quando a pessoa ia divulgar um trabalho, uma pesquisa, ele montava na pessoa, transformava em humor. E aí foi uma

menina campeã de surfe, que era campeã de surfe, não era mais nada. E ele começou: “você sabe que o Ministro da cultura, essa semana, né...você não sabe? Você sabe pelo menos quem é o Ministro da cultura”? Porra, a menina saiu de lá como a maior idiota do mundo. E eu fiquei puto com isso, por que ela é campeã de surfe, cara. Ponto final. (risos) E eu não sei o tamanho de uma prancha. A mulher é campeã mundial de surfe, só isso, acabou. Não tem que saber quem é o Ministro. E eu fiquei meio puto com isso. Aí depois foi o (Hélio) Fernandes, irmão do Millôr. Cara, foi a melhor entrevista que eu já vi na minha vida. (risos) Ele começou, falando de jornalismo político: “veja bem, Jô. A Veja é imprensa marrom, né? Uma empresa que passou por todos os períodos políticos da história e que escreve o que a pessoa de classe média, consumidora de *whisky*, quer ler”. E aí, cara, o Jô escrevia na Veja. Fazia aquela página de humor. Ele (Jô) foi mudando de assunto, mas: “mas vamos pegar a Veja. A Veja, por exemplo, imprensa marrom. A Veja não vale nada, né? Descartável!... (risos) E voltava ao assunto. Aí na quinta vez o Jô não agüentou: “desculpa te interromper, mas queria entender essa sua gratuidade com a revista Veja, uma revista, inclusive, em que trabalho, mas eu não vejo a revista como esse demônio

que você está pintando”. (Hélio Fernandes responde) “Só estava testando a liberdade do seu programa”. (risos) (Jô) “Não, não...no programa você pode falar o que você quiser”. (Hélio) “Não sei, é gravado. Não sei se vocês editam”. (Jô) “É gravado, mas é como se fosse ao vivo! Você pode falar o que você quiser!” O Jô começou a ficar puto, esmurrar a mesa. (risos) (Hélio) “Jô, não precisa ficar nervoso. Pode encerrar a entrevista”. (risos) Aí ele: “eu não vou encerrar a entrevista, não. Porque depois você vai dizer que aquele gorro não deixou você falar. Então, agora você pode falar o que você quiser”. (Hélio) “Não, o que eu tinha para falar eu já falei”. (risos) Cara, o Jô terminou a entrevista tremendo. (risos) Aí nos dois segundos blocos, quando ele tentava ler os e-mails ficava assim. (tremendo) “Ai meu Deus, hoje é dia”. Até terminar o intervalo ele deve ter xingado esse cara. (risos) Eu só pensava na campeã de surfe, cara. Vingança! (risos) Talvez ele (Hélio) tenha visto a entrevista da campeã de surfe. Eu pensei nisso, porque eu vi outras pessoas serem hostilizadas com razão. O cara que foi falar de vida intra-terrena. (risos) Ele (Jô) falou assim: “mas as pessoas são muito brancas, né? Vivem embaixo da terra!... (entrevistado) “Não, tem o calor



do núcleo da terra, eles são bronzeados como a gente”. (risos) Óbvio. Coisa óbvia. (risos) Só que eles andam na parede, o núcleo da terra fica flutuando e eles andam à vontade. E alguns intra-terrenos visitam a superfície de vez em quando. Quer dizer, pediu para ser sacaneado, né? Eu vi casos assim, que até achei divertidíssimo ele sacanear. Pô, a pessoa levantar uma bandeira dessa. Foi aquela canadense que falou que se alimentava de luz, né? (risos) Ela promovia fotossíntese. “Não tomo água, não como nada. Só me alimento de luz como as plantas”. Fácil descobrir se ela está mentindo, né? Fácil. Em uma semana eu descubro. (risos) E ela vendia essa teoria, as pessoas

freqüentavam a fazenda dela – e pagavam, obviamente – até você chegar a esse nível em que você vai se alimentar de luz. Espera, né? (risos) Espera. Algumas pessoas até, eu não fiquei tão irritado quanto eu fiquei com esta fantástica campeã de surfe. Quando a entrevistada interessa ao entrevistado ele é hostilizado. Na Globo ele (Jô) está mais comportado, até porque os famosos pararam de ir.

E ele finge aquela intimidade pelo seguinte: a gente mandou o nosso material para o Jô Soares, você passa por uma triagem e eles mandam uma pré-entrevista, por e-mail. “Tem alguma história engraçada”? Quando você vai divulgar um trabalho,



“você não pode falar sobre o trabalho. Você tem que contar histórias pessoais engraçadas, entreter o público.” “E aquela história que a sua mãe te pegou”... Aí o cara fala: “ué, como você sabe disso”? As pessoas acham que ele conhece todo mundo, que ele é íntimo das pessoas porque ele sabe dessas coisas, mas não é. Você passa por uma pré-entrevista e se a sua pré-entrevista não for aprovada você não vai no programa. Então o que a gente fez: a gente inventou as histórias mais cabeludas (risos) A a gente escreve humor, né? E nem tocou nesse assunto lá. Quando ele perguntava sobre a história, a gente contava outra. (risos) Passou com aquele nosso papel, entrevistamos o público. Na primeira e na segunda (entrevistas no programa) nós fizemos isso. A gente contou as histórias mais

fantásticas, inacreditavelmente exageradamente engraçadas da cabeça, histórias surreais, mesmo, só que eram muito engraçadas. Só que não eram verdadeiras, a gente colocava como sendo. (risos) E quando ele tocava no assunto, a gente contava a história verdadeira que não era nada de mais. Mas era engraçado assim mesmo. A gente falou: “se é isso que vai fazer a gente passar na TV, a gente vai passar!” (risos) “Se é só isso que eles querem, vamos”... E aí ele fica nessa, a gente perguntou: “a gente pode dizer que a gente está em cartaz”? Não pode. Era para isso que a gente estava indo lá, mas não. Ele (Jô) tem isso anotado na frente dele, se ele quiser ele fala. “Mas não tem outro motivo para a gente estar vindo, a gente só quer divulgar isso”? Não. Se ele quiser, na verdade é: se ele foi com a

sua cara, se ele gostou da entrevista. Foi o que aconteceu, né? Ele desdenhou muito no comercial: “Melhores do Mundo, né? Vamos ver”. Nas duas vezes eles abriram espaço para cena e como a platéia gostou, ele abriu espaço para outra. Era uma cena só, só que na primeira vez a gente já foi malandro. A gente falou: “cara, vamos levar duas cenas e deixar uma de *stand by*”. Aí chegou lá e o cara: “e esse figurino aqui?” (Melhores do Mundo) “Esse figurino é de outra cena”. “Como é que é a cena”? Aí nós explicamos. A gente fez a primeira cena e quando a gente sentou a gente viu a movimentação dos contra-regras, correndo e trocando o figurino. Aí a gente já se olhou: “beleza!” (risos) Porque a platéia entrou na onda, entendeu? E porque ele riu também. Aí ele pega a ficha e dá sua agenda toda,

fala onde você vai estar e o que você vai fazer. Mas nas duas vezes não repercutiu nada na bilheteria. Ninguém chegou no teatro e falou assim: “eu vi vocês no Jô Soares, por isso estou vindo”. Para você ter idéia, a Luciana Gimenez repercutiu muito mais na bilheteria. (risos) Luciana Gimenez foi bizarro. A gente estava com a peça “Sexo”, aí a gente foi naquele programa da Monique Evans, na cama com Monique. (risos) A peça chamava “Sexo”, a gente falou: “tudo a ver, vamos lá de louco e falar as maiores baixarias, as maiores atrocidades que a gente conseguir falar”. (risos) Todo mundo na cama com ela. Ela introduzia o assunto, né...e ela vende filmes pornô. Então, ela exibia trechos de filmes e a gente tinha que comentar. Tem uma categoria do universo dos pornô que se chama *Gang Bang* que é um homem com várias mulheres ou uma mulher com vários homens. Aí ela passou um trecho do filme e perguntou para a gente: “meninos, vocês sabem o que é *Gang Bang*”? Aí o Victor (Leal, da Cia.) falou: “eu vi um só com Papai Noel”. (risos) Aí ela muda de assunto radicalmente, porque, porra, esses caras são muito avançados. (risos) *Gang Bang* só de Papai Noel, não existe isso. Mas é engraçado. E na Luciana Gimenez foi a gente e aquela dupla de vôlei de areia e o assunto era esse também: Intimi-

dade sexual. Foi convite dela. "Vocês estão com a peça Sexo aqui em São Paulo e o assunto é esse, queria que vocês fossem lá tratar de uma forma bem humorada". E era legal o programa, era uma mesa, o garçom servia quitutes árabes, cerveja, bebidas libanesas... pô, para a gente tomar dois chopos e falar besteira é fácil, né? (risos) Ela perguntou assim: "vocês já falharam"? Aí os caras do vôlei de areia: "não, nunca falhei". Aí passou para a gente e o Victor: "olha, eu já falhei, mas a moça virou para mim e falou: você vai ter que pagar do mesmo jeito"! (risos) Ela ficou vermelha na hora. (risos) Era só atrocidade. A gente se divertiu e essa entrevista repercutiu muito com o público paulistano, né? Cara, paulista assiste muita bobagem. (risos) A gente faz uns programas locais lá mais inacreditáveis e todo mundo pára a gente na rua para dizer que assistiu. E o João Kléber? Porra, campeão. (risos) Ele agora está em Portugal, né? Campeão de audiência em Portugal. O programa dele agora é só teste de fidelidade. Só que o brasileiro virou Alice perto do que ele faz em Portugal. Tem no *YouTube* algumas partes. Eu fiquei olhando, pensando, que engraçado o João Kléber, mas esse sotaque, essas pessoas...esse sotaque está muito português. Eu fui buscar no *Google*, aí o programa dele agora está em Portugal. Ele é o rei de

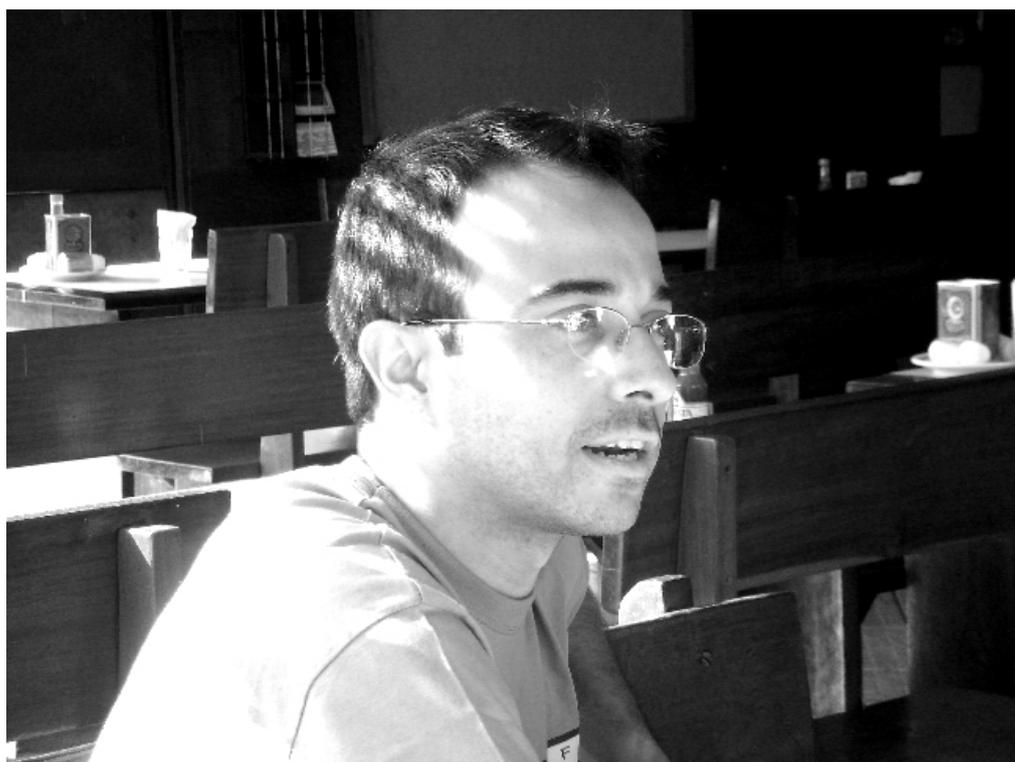
Portugal. (risos) Eu já até entrei em contato, porque a gente vai fazer uma temporada esse ano lá, provavelmente. Entraram em contato (com o grupo) por causa da Internet. Legal, né? Portugal, cara, é engraçado. Eles foram colonizados pela nossa televisão. Eles adoram o nosso sotaque eles tentam falar igual a gente. Os espetáculos que vão para lá não precisam adaptar em nada o texto. Eles adoram ouvir do jeito que a gente fala. Se você tentar falar português eles ficam putos.

E para nós é difícil entendê-los...

É. "Chutos e Pontapés", você já ouviu essa banda? É triste, cara. A música pop da Europa é uma merda. (risos) A gente foi lá em 96, a gente passou por 14 países. A gente ligava a rádio e só tocava

Caetano, Skank, Marisa Monte, Cidade Negra... só tocava música brasileira. Em qualquer emissora, muita música pop brasileira. A música pop italiana é de doer. E eles tem um disco lá na Itália...do mesmo jeito que a gente acha que o sotaque alemão é de um jeito que não é ou que falar inglês, se você "falar assim" (imita "portunglês"), você acha que está falando inglês, os italianos acham que, se você colocar as palavras em italiano terminando em "au", você está falando português. Eles têm um disco lá, de uma fantástica coletânea de músicas brasileiras, que chama "Cacau Maravilhau". (risos) Cara, é a maior aberração que eu já vi. (risos) Gente, hoje existe Internet, existe informação, pelo amor de Deus. (risos) Aí a gente foi na casa de uns italianos muito solícitos, fizeram

uma pasta para a gente, deixaram de molho de um dia para o outro, aquela coisa, né? Maravilhoso. Serviram um vinho fantástico e falaram: "agora, música brasileira!". E a gente "aaaa"! (risos) Aí botaram uma música, cara, que eu nunca tinha ouvido na minha vida: "Cacau Maravilhau". (risos) E eles cantando...e eu nunca ouvi aquilo na minha vida. Aí eles mostraram o disco, cara, era uma aberração. Uns italianos malandros compuseram 12 músicas e gravaram um disco de músicas brasileiras. Cara, é bizarro. Eles ficaram tão desconcertados, que eu obviamente queria comprar aquele vinil a qualquer preço. (risos) Mas eu busco esse disco, cara. Eu faço parte de comunidades P2P na Internet, comunidades de vinil, procurando esse disco. Chama "Cacau Maravilhau", cara. Fantástico.



Eu queria pegar o disco e produzir um videoclipe para cada música. (risos) É bizarro, cara. E eles (italianos) muito felizes. Que merda, coitados. Eles ficaram muito desconcertados. "Vocês devem gostar de outro estilo de música, né"? É, deve ser por isso. (risos) Eu escuto uma música mais rasa, mais popular, essa é muito elaborada para mim. (risos) E a letra inteira era isso, palavras aportuguesadas terminadas em "au". Nessa mesma viagem, em 96, a gente foi com o grupo todo, porque um Real valia um Dólar. Então, juntamos a grana durante um ano e visitamos 14 países. Estava tudo muito barato, com o Real equiparado ao Dólar, imagina. A gente alugou um carro junto e pegamos a estrada. É tudo muito perto, em 300 quilômetros você cruza três países. O Brasil é grande, né? (risos) E, na época, não tinha Euro ainda, então eram três moedas, três culturas, três câmbios diferentes, três realidades distintas em um espaço que é como daqui a Belo Horizonte. Muito louco.

Aí a gente chegou na França e ia ter um *show*, que foi até meio picaretagem. Tem um grupo, um quarteto de cordas, eles iam só fazer a abertura do *show*. Só que depois ia tocar uma mulher meio Britney Spears da França e ela ia gravar um videoclipe. Então, ela tocou a mesma música seis vezes. A gente foi embora. A gente não sabia disso, a gente gos-



tava desse quarteto, que era meio Quarteto Ragazzi, assim, que misturava música eletrônica com quarteto de cordas. Duas violas e dois violoncelos. Maravilhoso para dançar. Aí, cara, dançamos muito na abertura. Eu e o Welder. E aí, no intervalo entre uma atração e outra, o DJ ficou discotecando. Aí de repente ele começou a tocar: "bate forte o tambor / eu quero tic, tic, tic, tic, tac". Só que essa música, cara, saiu do Pará para a Europa. Ela nunca tinha feito sucesso aqui no Brasil. Ainda não, porque ela foi tema de um comercial na Europa, uma propaganda de televisão que passava muito e virou uma febre lá. Por isso eles fizeram sucesso. Então, nós éramos os únicos brasileiros que nunca tínhamos ouvido essa música. (risos) E o estádio lotado, assim, tipo um Nilson Nelson, assim. Aí eu comecei a ficar assustado. "Isso é português, cara? Isso é muito português". E o estádio inteiro fazendo: "eu quero tic, tic, tic, tic, tac". (risos) E só a gente em pé,

assim (boquiabertos). "É uma pegadinha"! (risos) Você ouvindo uma música em português, metade dos franceses cantando e dançando e a gente assim: "que porra é essa"? (risos) Aí depois entrou a Britney Spears da França, cantou seis vezes a mesma música e a gente foi embora.

E esse ano vocês voltam à Europa?

Esse ano vai rolar, é inevitável. Lá vai ter um efeito inverso, o Zorra Total lá é muito bem assistido, as pessoas gostam muito do programa, então a divulgação vai ser mais voltada para isso. É coisa que a gente não faz no teatro, né? A gente nunca divulgou uma peça nossa assim: atores do Zorra Total. Nunca, nunca. Até porque é uma sacanagem a pessoa ir achando que vai ver no teatro uma coisa parecida com o que vê na televisão. Não tem nada a ver, nada a ver. Outro trabalho. Lá vai ser o Joseph Climber, "Notícias Populares", que foi o

que a produtora lá assistiu pela Internet, entrou em contato com a gente. Lá não está essa febre toda na Internet, ainda, mas ela viu que são os mesmos atores do Zorra Total.

Como o grupo imagina fazer a peça lá? Porque o "Notícias Populares" pega notícias reais e locais, né?

É bem abrangente, assim. É uma citação ou outra que a gente vê lá, abrindo o jornal. Você lê o jornal do dia e você sabe. A gente faz citação a uma instituição educacional, a um político corrupto, a uma casa de tolerância da cidade. (risos) Tudo isso, você abre o jornal de qualquer cidade e você tem essas informações: sabe quem é o político enrolado do dia, da vez, sabe quem é o mais famoso...e é incrível como as pessoas gostam disso, de ter essas referências próximas. Porque é muito óbvio, né? Humor é lastro. Esse livro aqui ("Como a picaretagem conquistou o mundo") é considerado engraçado. Esse livro é considerado, praticamente, uma comédia. Tem coisas que eu leio, paro, leio de novo a mesma página. Você tem que entender de todo um contexto mundial muito mais abrangente, além da minha capacidade, para você ver graça naquilo que o cara está falando. Por isso que no Zorra Total a gente nunca vai

passar disso que a gente faz. Porque lá nós somos funcionários do programa e o programa foi feito voltado para esse público. Não adianta a gente querer chegar lá e mudar, até porque o programa dá 35 pontos de audiência, 38 pontos de audiência. É muita coisa, cara. É mais do que o Jornal Nacional. Não é a gente que vai chegar lá e vai falar: "gente, isso aqui está muito sem graça, vamos mudar tudo"! (risos) Eles lucraram horrores naquele programa.

E como é feito o direcionamento dessa programação?

Muita pesquisa, cara. Primeiro o ibope, que funciona todo em São Paulo. Depois que eu passei a entender o sistema, eu passei a respeitar mais. É uma amostragem realmente importante. É um

número x de domicílios, que têm um aparelho em casa. Você instala na televisão da pessoa e esse aparelho sabe que canal ela está assistindo e em que horário. Só que estes domicílios são escolhidos assim: tem um em uma favela, tem aquele perfil; tem um na casa de uma pessoa que tem dois carros, cinco televisões em casa, mora em uma mansão. A amostragem é realmente satisfatória para o resultado. Eu nunca acreditei muito. Quando o cara me explicou como realmente funciona...vale como um estudo. O único porém, a única ressalva que eu faço, é que só existe em São Paulo. Todos os aparelhos estão em São Paulo. Mas é porque lá, segundo eles, existe o perfil representativo do Brasil todo. Eu acredito que não. Nordeste são outros quinhentos, o Sul são outros quinhentos.

Minha única ressalva é quanto a isso. Mas eles sabem exatamente para quem eles estão falando o quê. Isso geralmente dá certo, eles erram muito pouco, a margem de erro é pequena. Eles não fazem nada por acaso.

Por exemplo, o Welder, o Jovane (Nunes, da Cia.) e o (Adriano) Siri (da Cia.) faziam aquele Bambuluá, com a Angélica. Eles gravaram, eles eram os vilões. Aí eles tinham um carro que voava. Os caras que escreveram, eles viajaram tanto nesses personagens, que eles ficaram muito mais interessantes do que a Angélica. (risos) Muito mais interessantes, eles tinham um carro que voava, para começar, pô, isso para uma criança...e eles eram engraçados pra cacete. Imagina o Welder fazendo um vilão de filme infantil. Cara, muito engraçado. Imagina a

produção disso no Projac, construía Bambuluá, construía uma cidade dos vilões, montaram essa parafernália toda, gravaram três meses...aí falaram: "agora manda para o ar". Aí eles fazem esse "group discussion", chamam umas pessoas para assistir em situações fechadas. E as crianças passaram a gostar muito dos vilões. Não pode. Mau exemplo, uma série de fatores. Mas, cara, era muito engraçado. E eles não se importam com esse prejuízo, com tudo isso que foi gravado, com esse carro que foi construído, com o figurino. O importante é para quem eles estão falando o quê e isso é que vai vender. Isso culminou no dia em que teve uma eleição no Bambuluá, eles estavam explicando para as crianças o processo eleitoral e todas as crianças do Projac falavam para o Welder: "tio, eu vou votar na Angélica porque o tio falou que era para votar, mas eu queria votar em você". (risos) Aí, o pessoal começou a ficar preocupado. (risos) Porra, não dá, né? As crianças preferirem os vilões não dá. E aí nunca foi ao ar, cara. Engraçado, né? Tem muitas coisas nossas lá que nunca foram ao ar. Tem quadro inédito do Zorra Total, tem trabalhos que o Jovane fez. O Jovane fez Escolinha do Professor Raimundo, ele tinha um personagem. Gravou vários episódios também, mas o Chico Anísio chuta o balde, né? O Chico



Anísio se envolveu mais intimamente com uma pessoa com quem não deveria ter se envolvido. Por acaso, essa pessoa era muito ligada a um diretor da Globo...(risos) e aí, de toda essa série que foi gravada, nada foi para o ar, porque a pessoa estava lá. (risos) A gente falava que tudo era culpa do Jovane. (risos) “A gente vai fazer sem você, porque tudo em que você se envolve enterra a Globo!” (risos)

Vocês também participaram de outros filmes. O Adriano Siri em “As vidas de Maria”, por exemplo.

A gente fez muitos curtas. O primeiro para o qual a gente foi chamado – é muito engraçado isso – foi o do José Eduardo Belmonte, aquele “5 filmes estrangeiros”. Ele falou: “queria chamar vocês, mas não tem grana”. A gente falou: “não, cara, você trabalha para o cinema da cidade, a gente carrega até pedra”. Ele falou: “eu nunca chamei vocês, porque achei que vocês iam cobrar uma grana”. Aí fizemos. Só que toda parte que a gente fez, ele não gostou. Não gostou, achou que era uma cena desnecessária e cortou do filme. Só que o André Luiz da Cunha ligou para a gente e avisou. Ele falou: “olha, o Zé está super constrangido, porque ele cortou todas as cenas de vocês do filme”. Eu falei: “cara, não tem o menor problema, a experiên-

cia foi ótima”. E ele falou: “pois é, só que ele está vindo aqui em casa hoje com o “copião”, a primeira cópia do filme. A gente vai assistir e ver o que vai mudar ou não. Vocês não querem vir para cá? Ele está super constrangido”. (risos) A gente falou: “beleza!” Ele marcou tipo umas quatro horas da tarde, a gente chegou três. Cara, rindo muito. Aí chegou o Zé Eduardo. Ele bateu na porta e eu abri, já com a pipoca assim: “e aí Zé? Entra aí. Você não se importa não, né? A gente chamou uma galera para assistir o filme, porque a gente está louco para ver nossa cena”. (risos) Cara, ele queria morrer. Ele não tinha a menor intimidade com a gente. Ele olhava para o André. “Não sei, porque...” (Melhores do Mundo) “Bota logo essa fita aí, vamos ver!” (risos) E ele protelando: “Espera aí, tem que ter um preparo...” (risos) ele andava pela casa... que filhos da puta, né? (risos) Quando a gente desmentiu, ele falou: “cara, vocês não têm mãe!” (risos) Ele suava em bicas. É horrível isso.

“5 filmes estrangeiros” é a história de um nepalês, que era chamado de japonês e ia ficando puto e matando as pessoas. “Eu não sou japonês!” (risos) Um serial killer. Aí tinha a cena de uma festa em que alguém

falava: “e aí, japonês”? Aí, cara, ele afunilava a festa inteira. (risos) É muito engraçado esse filme, deve ter no Porta Curtas (www.portacurtas.com.br). Aí essa cena era em um restaurante e a gente fazia os garçons. Mas não era comédia, éramos simplesmente garçons. E a gente fechou um restaurante chamado Anticamente, na beira do lago. A gente fechou o restaurante em uma segunda ou terça-feira para filmar lá. E aí cara, a minha amiga Paloma estava com uma maquiagem do Jesus Vivas, um cara que é maquiador da UnB (Universidade de Brasília). Ele é fantástico e ele fez uma ferida nela, cara, um negócio incrível. Ela estava secando no sol. Ele faz uma mistura de

groselha, mel e Nescau, que vira uma carne, um sangue violento. Estamos eu e Victor de garçom, conversando no restaurante, as cenas sendo filmadas no fundo e ela sentada no sol, quando pára um caminhão da Brahma para entregar cerveja no restaurante. Era um dia normal, né? O cara parou, olhou para a gente, era garçom: “amigo, onde eu boto as caixas? Assina aqui”. Eu falei: “amigo, hoje está difícil, inclusive a gente está com essa menina machucada aqui...” (risos) Cara, para acalmar esse cara depois... (risos) me arrependi, cara. (risos) Ele estava assim, em um dia de rotina e de repente: “meu Deus do céu!” (risos) E ele correu para o caminhão e eu correndo



atrás dele. E ele: “chama a polícia”! Coitado. Para acalmar esse cara eu levei ele lá atrás, mostrei o que era. Lógico, passou mal, né? (risos) Dei uma água para ele lá e ele: “não faz isso comigo não”. (risos) Acabou o dia do cara. O cara quase morreu. E a Paloma não podia rir senão estragava a maquiagem.

Eu fiz agora um...chama “Ódio puro concentrado”, também está no *YouTu-be*. Era o primeiro filme do cara. Ele também me chamou achando que eu não ia topa e eu falei: “vamos”! Todo rodado numa garagem no Guará (cidade do Distrito Federal), cara. Chegávamos cinco da tarde e saíamos meio-dia. Todo dia. Eu não gostei da edição final. Quando você vê captando as imagens...eu achei um desperdício não ter usado algumas imagens que eu acho do caralho. Mas ele adorou a edição final. Agora, outro cara me convidou também, um cara de Belo Horizonte, que inclusive conhece esse que fez o “Comunicação de massa”, são da mesma escola de cinema. E tem um cara morando aqui em Brasília. Ele quer fazer um curta também. E ele me chamou, também, todo descrente e eu falei: “vamos trabalhar”! Em julho. O roteiro é fraco, vamos ver em que ele vai transformar isso. Esse não é grande coisa não, mas às vezes roteiro é um detalhe, né cara. Às vezes uma linguagem,

um formato violento de imagem muda tudo. Tem uns curtas bons em Brasília, cara. Da Cibele Amaral tem um que tem um casal que faz terapia. Um filme genial dela. Muito bom. O cara se separa da mulher, é apaixonado por ela ainda, e descobre que ela está fazendo terapia. Tem umas cenas rodadas aqui, que são as mais engraçadas, cara. O cara chama um amigo e quer convencê-lo a entrar na terapia para ver o que a mulher está falando. Aí ele quer convencer o amigo a entrar na terapia, só que o amigo é um peão boia-deiro, um cara de rodeio. É o André Decca que faz. Cara, que papel. Ele ganhou o melhor ator em vários festivais com esse papel.

No último Jogo de Cena, a temática foi meio carnaval e a gente procurou um curta que tivesse temática carnavalesca. Procuramos em Brasília inteira e só tinha um de 91, mais ou menos, um filme que chama “Cá e lá” ou “Lá e cá”. (risos) Era o único que tinha um momento de carnaval. Cara, que merda de filme. (risos) A gente nunca fez comentários negativos sobre nenhuma apresentação no Jogo de Cena, mas esse... (risos) Acabou o filme e aquele silêncio. Aí o Welder: “é, a mensagem é clara”. (risos) As pessoas começaram a rir muito. Se tinha alguém do filme ali, não se apresentou. Cara, é uma loucura. É um

cara subindo um morro, aquela imagem seca assim, câmera no ombro tremendo. Subindo um morro, em uma estrada de terra com um carretel daqueles de fio elétrico, grande. Aí ele vai subindo um morro e passa por uma roda de crianças...é a vida do cara...até aí tudo bem. Aí ele vai subindo e passa por uma velha a fiar. (risos) Isso no meio do nada, foi filmado, sei lá, no Gama (Cidade do Distrito Federal). Não no Gama, porque lá não tem morro, né? Não sei onde, cara. Um lugar feio. (risos) Além de tudo a fotografia não estava lá essas coisas. (risos) O áudio também não ajudava, enfim. Aí ele encontra uma mulher, que está posando para um artista pintando. Mas era tudo desgraçado assim, eu falando aqui e está parecendo uma poesia. Não é. (risos)

E aí ele vê essa mulher e solta a roda e a roda desce. E ele pega essa mulher e fica com ela. Ele fica de mãos dadas com ela e vai indo, eles passam um tempo com essa história. E aí aparece um grupo de frevo, dançando frevo. E ele larga a mulher e fica dançando frevo. (risos) Aí fica tocando uns dez minutos de frevo e acaba o filme, cara. (risos) A mensagem é clara! Quem não entendeu, por favor, né? (risos) É um absurdo. O maior desperdício que eu já vi de negativo. Até aquele rolo está desperdiçado nesse filme. A gente assistiu e falou: “tem que

ser esse, vamos passar esse. Vamos ver a reação da platéia”. (risos)

-
Um abraço, gente. Vou buscar meu filho no colégio. ■